

ILLUSTRO
IMAGO: palavras
sobre imagens

Sandra Regina Ramalho e Oliveira

A título de recuperar fatos importantes da nossa história, da História do Centro de Artes/CEART da UDESC, em comemoração aos seus 30 anos, vasculhei arquivos e, de um passado recente, emergiu mais um fragmento da memória, completamente impregnado de muita saudade.

Para recordar a Professora Maria Cristina Alves dos Santos Pessi, ou a Cris Pessi, como o carinho e a intimidade permitiam a muitos chamá-la assim, trazemos o texto de apresentação de uma exposição póstuma de fotografias suas, levada a efeito no MESC, Museu da Escola Catarinense da UDESC, em 2013, como registro de um ano de sua falta, em agosto de 2012.

A síntese de sua biografia, ainda ativa no site do CNPq, onde se lê também que foi “atestada pelo autor” em 19 de dezembro de 2011 diz o seguinte: Licenciada em Educação Artística pela Universidade do Estado de Santa Catarina (1983), com especialização em Arte-Educação pela Universidade do Estado de Santa Catarina (1988) e especialização em Desenho pela Universidade Federal de Santa Catarina (1986), mestrado em Educação e Cultura pela Universidade do Estado de Santa Catarina (2001) e doutorado em ARTES pela Universidade de São Paulo/ USP - ECA (2009). Atualmente é professora universitária da Universidade do Estado de Santa Catarina. Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Artes Visuais, atuando principalmente nos seguintes temas: ARTE, ENSINO, FORMAÇÃO DE PROFESSORES.

Típico da personalidade de Cristina: ela se restringiu praticamente a colocar seus títulos; não cita suas publicações e sequer o fato de que foi uma das primeiras professoras da Escolinha de Artes de Florianópolis. Eis, então, o que dizia o texto de parede da exposição póstuma das fotos de Cristina:

Illustro imago foi o título eleito pelas curadoras Fabíola Búrigo Costa e Juliana Crispe, amigas e colegas de Maria Cristina Alves dos Santos Pessi, para esta exposição de fotografias, em consonância com suas próprias escolhas, uma vez que essas fotos são parte integrante da tese de doutorado homônima que Maria Cristina defendeu na ECA/ USP em 2008. A ideia de expor as imagens foi de Ana Mae Barbosa, na ocasião da defesa, na USP. Durante a defesa, reconhecendo o valor daquelas fotografias como textos potentes, Ana Mae encorajou-a a expor. Como isto não ocorreu, talvez novamente, devido à modéstia

de Cristina, suas amigas fizeram-no.

Sobre elas, Cristina afirma, já no resumo, sumo daquela relevante produção acadêmica: “as imagens fotográficas produzidas na pesquisa de campo são consideradas textos visuais e, portanto, igualmente fonte de dados”. E os dados, qualitativos, estão aí também para serem interpretados por nós, hoje e sempre. Antes mesmo de ter sido defendida a tese, sensibilizei-me acessando às fotos, sendo que uma delas me tocou de maneira definitiva, pois expressa com fidelidade o que partilham os professores de arte. De tanto descrevê-la em minhas aulas, Cristina acabou me presenteando com uma cópia. Esta imagem faz parte desta mostra. Trata-se de uma professora em primeiro plano, a qual parece falar muito alto, mostrando aos alunos uma minúscula cópia de “Rosa e Azul”, de Renoir, diante de uma imensa sala de aula. Sim, Cristina, quanta coisa podemos inferir a partir dessa imagem; ela e as demais são efetivas fontes de dados!

Retorno então àquela tese para, fiel ao pensamento de sua autora, repetindo suas palavras, traduzir o conceito: “illustro imago quer dizer iluminar imagens, dar luz às imagens. É um princípio para este trabalho. Princípio no sentido de início, começo, abertura. Mas principalmente, princípio como fundamento e orientação filosófica. Articular palavras, brincar com palavras e suas significações tem sido para mim uma ação de criação e alegria, tal como desenhar, colorir e fotografar.”

E o sentido desta mostra está aí exposto: luz, imagem, princípios, palavras, criação, alegria. Mas antes, ou reunindo tudo isso, trata-se de propor uma reflexão sobre o sentido da vida, sobre o que cada pessoa pode deixar como legado, sobre no que consiste uma transformação social, sobre a importância da formação de educadores. E, principalmente, sobre a imortalidade.

Quem teve o privilégio de dividir momentos com Cristina, guardará para sempre sua linda imagem, sua voz rouca e delicada, seu carinho, seu modo gentil de ser e viver. E essa memória viva é o conceito que queremos trazer para esta mostra. Neste sentido, não é por acaso que ela é uma mostra de fotos. Além de tudo mais, as fotografias são uma metáfora de imortalidade: momentos que permanecem, sorrisos que não se apagam, cenários que renascem, potência que impulsiona a vida. Queremos então destacar o fato de que Cristina permanece viva em cada ângulo que selecionou para capturar as imagens, no conteúdo que cada texto expressa, na temática que elegeu para retratar.

A propósito da imortalidade, uma exposição de fotos de uma pessoa que não está mais aqui no sentido material das palavras remeteu-me imediatamente para o livro, também metafórico, de Richard Bach, intitulado “Longe é um lugar que não existe”.

O texto começa dando conta de que a personagem principal recebe um convite para um aniversário de outra pessoa, chamada Rae, que vive a mil quilômetros de distância. A personagem começa a viagem para comparecer ao aniversário de Rae, essa pessoa que estava crescendo a para qual levava um presente, no coração de um Beija-flor; e de pássaro em pássaro vai tendo questionado o sentido de cada uma de suas motivações. Primeiro, o significado de “ir”: “podem os quilômetros separar-nos realmente dos amigos?”, perguntou o Beija-flor. Depois, a Águia questionou o sentido do que era “aniversário” e mediante a explicação da personagem principal, que disse que é a comemoração da hora antes e depois de Rae ser, a Águia falou: “um tempo antes da vida de Rae começar? Não acha que é mais a vida de Rae que começou antes que o tempo existisse?”. Entre outras aves, a personagem escolhe as palavras para falar com a Gaiivota: “por que está me levando a voar para ver Rae, quando na verdade sabe que estou com ela?”.

A personagem chega e dá o presente, um anel, a Rae, mas acrescenta que um dia ela perceberá que “não precisa do anel nem de pássaro para voar sozinho”, pois quando esse dia chegar, ela compreenderá que “as únicas coisas que importam são feitas de verdade e alegrias, não de lata e vidro”. E isto também lembra Cristina quando, com alegria, afirma que gosta de brincar com palavras e criar colorindo, desenhando e fotografando.

Voltando à metáfora de Richard Bach, ele afirma, questionando o sentido da distância entre as pessoas: “não posso ir ao seu encontro porque já estou com você”. E continua: “Você não tem aniversário porque sempre viveu; nunca nasceu, jamais haverá de morrer. Não é filha das pessoas que chama de mãe e pai, mas a companheira de aventura delas na jornada maravilhosa para compreender as coisas que são”.

E conclui: “voe livre e feliz além de aniversários e através do sempre. Haveremos de nos encontrar outra vez, sempre que desejarmos, no meio da única comemoração que não pode jamais terminar”.

Aqui estamos nós, nos encontrando com a Cris, através do tempo, nas sua fotos, as imagens às quais deu a luz, juntos por nossos

ideais e ideias comuns, numa celebração da vida, da sua vida que não se foi e nem foi em vão, pois muito nos legou, porque os quilômetros não podem separar os amigos, porque ainda estamos com ela, porque ela sempre viveu, jamais morrerá e foi uma companheira de aventuras na jornada para tentar compreender as coisas.

E assim continuaremos, Maria Cristina Alves dos Santos Pessi, com suas fotos e com sua lembrança, “através do sempre”, “no meio da única comemoração que não pode jamais terminar”!